

con. Brasil

MAURO CHAVES

O valor do Brasil

ESTADO DE SÃO PAULO
31 AGO 1994



**O povo se
agarrrou à
moeda forte
com um misto
de alívio
e orgulho**

Por mais que se soubesse que a população brasileira já não suportava a continuidade da inflação, o grau de aceitação do real superou largamente as expectativas mais otimistas dos tucanos e as mais pessimistas dos petistas. Por quê? Deixe-se de lado, por um momento, qualquer juízo de valor sobre a qualidade técnica do plano de estabilização econômica ou suas evidentes repercussões político-eleitorais. Importa mais refletir sobre quanto a moeda de um país é basilar, como ponto de referência da identidade nacional. O dinheiro que não vale nada afeta, frustra, deprime, envergonha uma sociedade muito mais do que se supunha. O tamanho do estrago moral que muitos anos de inflação provocaram é difícil de mensurar. Mas o povo se agarrou à moeda forte com um misto de alívio e orgulho semelhante ao de quem acabou de salvar um filho de um incêndio.

Parece que em algum lugar do

inconsciente coletivo brasileiro estava escrito que a moeda desmoralizada, escangalhada, podre, refletia as nossas fraquezas de caráter, as nossas insuficiências morais, tão bem ilustradas pela podridão grassante em nosso meio público-político e em tantas outras mazelas que difamaram continuamente a imagem do Brasil no Exterior. Nesse sentido, a moeda forte funciona como um antídoto, capaz de reduzir substancialmente — se não eliminar — os efeitos venenosos, letais, da autoflagelação nacional. Porque a moeda — e parece incrível que durante tantos anos não se tenha avaliado corretamente isso, em nosso país — é também a certidão da produtividade e da capacidade de organização de um povo.

Quem quer que tenha estado, ultimamente, em contato constante com pessoas humildes, de baixa renda, na periferia dos grandes centros urbanos, com certeza notou, a par das terríveis carências, que so-

frem as camadas mais injustiçadas da população, um certo despertar de confiança, uma espécie de renascer da vontade de ser brasileiro. É claro que o tetra ajudou a superar o complexo de azarado, de pé frio, que o Brasil sofria, pelo menos desde os tempos de Ernesto Geisel (neste aspecto a vitória por pênaltis foi até melhor...). Entretanto, o ânimo construtivo que se vai generalizando pelos segmentos sociais e setores profissionais, no vasto território brasileiro, sem dúvida resulta de um amadurecimento da consciência de cidadania, impulsionado pelo exercício de cobrança de nossa sociedade, nos últimos tempos — especialmente desde o impeachment. Pois na mesma medida em que expressa, como e quando pode, sua máxima indignação em relação aos que conspurcam o mandato popular e/ou se apropriam da coisa pública, o cidadão brasileiro de hoje — inclusive por isso — se sente mais senhor do próprio país, não se deixando manipular com tanta facilidade pelos poderosos. E o que inspira a autoconfiança sempre resgata a esperança.

Só a má-fé da demagogia eleitoral — venha de que lado for — deixará de considerar que o real é apenas o começo do começo do co-

meço. Em nenhum sentido o plano de estabilização econômica se propõe a ser um mecanismo de redistribuição da renda, já. Tudo dependerá de reformas profundas a serem realizadas — a começar pela constitucional — pelos que assumirem os Poderes Executivo e Legislativo do País. O mais importante, no entanto, é que se retenha para reflexão este momento especial por que passa a sociedade brasileira, este processo de recuperação do orgulho nacional, que está muito além de quaisquer perspectivas político-eleitorais. É preciso que, de agora em diante, os governantes, as elites dirigentes, os partidos políticos, os empresários, os sindicatos, as entidades representativas da sociedade organizada, os formadores de opinião e todos os cidadãos que, de qualquer maneira, se preocupam com os destinos da coisa pública jamais se esqueçam do que significa para a população o valor da moeda. É necessário que entre na cabeça de todos, e esteja por cima de todas as voracidades econômicas, políticas ou de quaisquer outros, que o valor da moeda é "o valor do Brasil" — como já está sentindo, muito bem, o povoão.

■ Mauro Chaves é jornalista e escritor